

ENTRE BÊNÇÃO E MALDIÇÃO – PERCEPÇÕES DO ÂMBITO RELIGIOSO ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE NOS DIAS ATUAIS

Mariana Kristosch dos Santos
Eduardo Steindorf Saraiva

RESUMO

Através desta pesquisa qualitativa, realizada como trabalho de conclusão de curso, buscou-se saber como se dá, no campo religioso, a forma como diferentes religiões (católica, evangélica, espírita e afro-brasileira), representadas por seus respectivos líderes, têm percebido e lidado com homossexualidade nos dias atuais. A pesquisa foi realizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, a partir de entrevistas semi-estruturadas com oito líderes religiosos. Para análise dos dados foi utilizado o método fenomenológico. A pesquisa constatou uma gama heterogênea de concepções acerca da homossexualidade. Sendo que as formas como se tem compreendido e lidado permeia visões pluralistas e multifacetadas, partindo desde um entendimento de aceitação e igualdade, a uma ideia de pecabilidade e erroneidade. Além disso, é possível afirmar que as religiões têm caminhado rumo a uma reconstrução das concepções de normal/anormal, pecado/santidade, enfim, bênção/maldição, relacionadas às diversas sexualidades existentes. E através disso, expressam estar lidando de forma mais humanizada e respeitosa com estas questões, admitindo a existência de movimentos transformadores que têm reconstituído a histórica relação entre religião e homossexualidade.

Palavras – chave: Homossexualidade. Diversidade sexual. Religião.

INTRODUÇÃO

Estudos realizados demonstram que diante da modernização das sociedades e as complexidades que esta acarreta, têm-se enfrentado diversos desafios ao que liga-se à harmonização de interesses. Esses, em muitos casos, são distintos e anseiam por medidas que possam equilibrar direitos fundamentais a todos, como o de liberdade. Diante disso, apresenta-se como um dos maiores desafios à sociedade contemporânea, a possibilidade de uma convivência harmônica entre grupos religiosos e a população declarada homossexual. (BOTELHO, 2012).

É importante ainda destacar que, assim como traz Ganzevoort *et. al* (2012), os conflitos ligados à religião e homossexualidade têm dilacerado o meio religioso em termos mundiais, sendo que tais conflitos atingem, de forma profunda, vidas e histórias de pessoas ligadas, ou não, a alguma crença, bem como, o que é considerado sagrado. Os autores citados falam também sobre uma independência de como se descreve o conflito, sendo que, em cada lado dos dois diferentes movimentos, encontra-se indivíduos tentando dar sentido as suas vidas, visando valores construídos ao longo de seus percursos, às pessoas que lhes são importantes e ao que consideram sagrado em seus viveres.

Neste viés, pode-se perceber movimentos idealizadores tomados de força na busca por liberdade e, também, reivindicando um lugar de direito nesta sociedade tão repleta de variedades. Em direção a esta lógica, nota-se discursos e ações que defendem pensamentos, crenças, comportamentos e modos de ser e agir no mundo, o que, conseqüentemente, em muitos casos, acabam por apoderar-se do direito do outro de ser e estar, e com isso, geram conflitos tomados de aversões.

Compreendendo tal contexto, nota-se a necessidade de aproximação de um conhecer em relação ao que, atualmente, têm-se percebido e as formas como se têm lidado, no meio religioso, diante do fenômeno da homossexualidade, para que assim, se possa ter um melhor entendimento do que, hoje, configura-se ou não como barreira entre estes dois movimentos distintos.

Desta forma, destacou-se neste percurso teórico, a busca por conhecer a relação construída, ao longo do tempo, entre o âmbito religioso e questões envolvendo a sexualidade, em específico a homossexualidade. A partir disso, pretendeu-se compreender como têm se dado percepções e formas de lidar, no campo religioso, em relação à esfera desta forma de expressar a sexualidade, sendo considerado o contemporâneo, e por contemporâneo lê-se uma ligação ao seu tempo e as transformações pelas quais a sociedade tem atravessado.

Pensando sobre a realidade trazida em estudos e instigando o conhecimento sobre o fenômeno, buscou-se saber: Como se dá, no âmbito religioso, a forma como diferentes religiões (católica, evangélica, espírita e afro-brasileira), representadas por seus respectivos líderes, têm percebido e lidado com questões relacionadas à homossexualidade nos dias atuais?

Diante desta temática, objetivou-se investigar neste trabalho, através da visão de oito líderes religiosos de diferentes linhas (católica, evangélica, espírita e afro-brasileira), da cidade de Santa Cruz do Sul, a forma como as religiões representadas estão vivenciando, nos dias atuais e, frente às mudanças já ocorridas, o fenômeno homossexualidade. Além disso, a escolha das diferentes linhas religiosas focadas neste trabalho se deu pelo indicativo, segundo o IBGE (2010), das quatro principais religiões declaradas pela população brasileira. Desta forma, a escolha se direcionou às religiões: católica 123.972.524 de adeptos (65% da população brasileira), evangélica 42.275.440 (22,2%), espírita 3.848.876 (2%), afro-brasileiras 407.331 (0,2%).

METODOLOGIA

Esta pesquisa privilegiou aspectos singulares e subjetivos de cada participante e seu contexto, objetivando conhecer e analisar descritivamente a realidade trazida por cada um como sendo fator que influencia no processo. Foi utilizada a metodologia de análise

qualitativa a partir do método fenomenológico a qual tem ocupado um importante lugar dentre as diversas possibilidades de estudo frente aos fenômenos humanos e suas emaranhadas relações e construções.

Para melhor compreensão da metodologia escolhida, vale expor que esse tipo de análise tem como principal foco a busca por aproximar-se, descrever e entender fenômenos sociais, bem como, formas de como determinados públicos têm construído seu mundo, agido, sendo e atribuído sentidos. (GIBBS, 2009).

Entende-se que a pesquisa qualitativa recebe direcionamentos ao longo de seu percurso, demonstrando que não há roteiros e planos previamente estabelecidos. Não enumera, nem mede fatos, dando ênfase à obtenção de dados descritivos através do contato direto do pesquisador com o objeto/sujeito/situação em estudo, e à análise dos fenômenos conforme a percepção e entendimento dos participantes. (NEVES, 1996). Segundo a perspectiva qualitativa, para melhor compreensão de um fenômeno esse deve ser analisado de forma integrada e no próprio contexto em que ocorre e do qual faz parte. Assim, o pesquisador se permite ir à campo e busca captar os dados em estudo sob a perspectiva dos sujeitos envolvidos, incluindo percepções, sentimentos, pertencimentos, vivências, entre outros elementos que, quando coletados, são fontes de uma boa análise. (GODOY, 1995).

Sobre o método fenomenológico, entende-se que esse busca o sentido dos fenômenos, como ele se manifesta conscientemente, tendo como foco a subjetividade. A sua aplicação aborda os significados que os sujeitos participantes atribuem às suas percepções diante do que está sendo pesquisado. Também tem como objetivo compreender o fenômeno em destaque por intermédio de uma captação da experiência vivida em toda a sua intencionalidade. (MOREIRA, 2002). Pode-se considerar o entrevistado um sujeito que atribui sentidos às suas vivências, sendo justamente esses atributos ao fenômeno o objetivo principal do pesquisador. (MARTINS; BICUDO; 2005).

É essencial destacar que tal método não busca inferir fatos ou descobrir estruturas ocultas nos discursos dos participantes. A perspectiva fenomenológica não se origina a partir de teorias ou conclusões em relação ao tema. Origina-se pela inquietação do fenômeno que busca investigar e conhecer mediante a descrição das pessoas que o experenciam. A análise do sentido de tal descrição se torna o meio pelo qual o pesquisador irá conhecer e compreender as relações peculiares à vivência, sendo que para acessar a vivência, é preciso percorrer os pensamentos, ações, comportamentos, enfim, qualquer forma de expressão humana, pois no método fenomenológico não importa a forma, mas o modo como a vemos. (AMATUZZI, 2001).

Contextualização da pesquisa

O estudo foi realizado a partir de entrevistas com oito líderes religiosos (um padre, um pastor, uma pastora, três espíritas e dois sacerdotes de religiões afro-brasileiras), de quatro diferentes religiões (católica, evangélica neopentecostal e pentecostal, espírita e afro-brasileira de Umbanda e de Batuque), numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, denominada Santa Cruz do Sul.

Tais religiões representadas foram escolhidas a partir dos dados obtidos e demonstrados pelo último censo demográfico do IBGE, como sendo as principais religiões, hoje, declaradas no Brasil por sua população. Os participantes foram escolhidos através de indicações, sendo contatados e convidados a participarem da pesquisa.

Coleta de Dados

Como instrumentos de coleta de dados foi utilizado o procedimento de entrevista individual semi-estruturada. Após leitura e assinatura do Termo de Consentimento os envolvidos foram questionados a partir de eixos norteadores os quais possibilitaram a amplitude de respostas, bem como, uma abertura maior para descrição das experiências. A partir das respostas apresentadas nas falas dos indivíduos, buscou-se não somente entender a totalidade do fenômeno, mas as particularidades que cada indivíduo demonstrou em seus relatos e a maneira como eu pesquisadora percebi e analisei. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas em seus formatos literais e íntegros. A duração para cada entrevista estabeleceu-se em 40 minutos e os locais de realização foram combinados com cada participante.

Análise dos Dados

Todas as entrevistas, após transcrições, foram direcionadas, individualmente, aos passos seguintes:

- ❖ Visão global: leitura integral das entrevistas, objetivando uma percepção geral dos sentidos e destaque dos significados e temas presentes;
- ❖ Divisão em unidades de significado: divisão de cada entrevista diante dos pontos principais presentes no relato; Criação de um quadro de categorizações com os dados retidos nas entrevistas com os líderes religiosos;
- ❖ Interpretação dos dados: entendimento dinâmico das unidades destacadas;
- ❖ Comparação entre os dados levantados para cada sujeito: observação entre os dados comuns e os peculiares a cada sujeito entrevistado;
- ❖ Síntese: compreensão estrutural das experiências e da ideia geral de cada entrevista.

Resultados e discussão: percepções do âmbito religioso acerca da homossexualidade nos dias atuais

Partindo dos dados coletados nas entrevistas, e da análise realizada destes sob a perspectiva do método fenomenológico, compreende-se neste espaço de discussão, importantes considerações acerca dos conteúdos retidos e uma proposta para responder os objetivos lançados. Importante ainda explicitar que, devido ao compromisso de sigilo estabelecido com os entrevistados, utilizou-se de siglas para identificar a origem de diferentes discursos, em frases destacadas no decorrer do texto.

Desse modo, entende-se como: **EC** = representante católico; **EEP** = representante evangélico pentecostal; **EENP** = representante evangélico neopentecostal; **EE** = representantes espíritas; **EU** = representante umbandista; **EB** = representante do batuque.

Em relação à síntese dos dados, inicialmente, é importante referir que dentro de um mesmo segmento religioso, há múltiplas opiniões, percepções e atitudes frente à homossexualidade. (NATIVIDADE, 2013). O autor em destaque já alertava para esse fator, o que ao longo das entrevistas, foi claramente sendo observado, tendo que dentro de uma mesma categoria religiosa os discursos se encaminham um à contra mão do outro, sob diversos pontos.

Todavia, considerando os fundamentos básicos de cada crença, é identificável uma centralidade uniforme a uma mesma divindade, que é Deus. Ou seja, em todas as religiões pesquisadas, Deus se coloca como o centro regente de tudo e todos, sejam humanos, espíritos ou entidades.

Essa mesma força divina cultuada por todos, em alguns momentos é apresentada como criador de todas as coisas que existem, inclusive dos diferentes. Em outro momento, é destacado como aquele que condena certas formas de ser e estar nesse mundo, o que inclui ao certo a homossexualidade.

EEP: *“Não é doença, a pessoa nasceu desta forma, a criação de Deus tem muitas diferenças, né.”*

Em contrapartida:

EENP: *“(...) Deus condena a homossexualidade.”*

Por esse motivo, vale ressaltar que a manifestação contrária por parte de algumas religiões e seus adeptos, em direção à homossexualidade, não pode ser confundida em uma visão generalizada de discurso de ódio, e assim não se transforme o tema da homossexualidade em um dogma, sem respeitar a liberdade de expressão, considerando plural e complexa à sociedade a qual estamos inseridos e nela ser preciso tolerar opiniões contrárias. (BOTELHO, 2012, p. 295).

Quando se pensa na relação entre sexo e religião, depara-se com inúmeras variantes. Endjso (2014) faz provocação ao dizer que a sociedade ocidental, a qual nos inclui, é por

aparência obcecada por questões envolventes ao sexo, bem como, as religiões que nesta sociedade se encontram. Passam a legitimar o sexo em um papel de extrema proeminência, sendo que, passam a determinar como e com quem deve-se praticá-lo. Algumas o glorificam, outras o condenam. Proíbem e se voltam a ele. Punem e esperam recompensas, por causa do sexo.

Esta complexa ligação se dá, ainda mais, na direção da homossexualidade. Dentre os pontos de maior destaque nos conteúdos das entrevistas, está a concentração de percepções e entendimento, acerca da homossexualidade, relacionada tão somente à prática, ato ou relação sexual. O sexo em destaque apresenta-se tanto como justificativa para a concepção de uma não naturalidade, como também para explicar a ideia de que antes do encontro dos corpos, há o encontro de almas, concedido pelo divino. Como demonstrado abaixo:

EENP: *“Mas nós rebatemos sim a prática da homossexualidade (...) porque é anti bíblico.”*

EU: *“A concepção divina vêm antes da concepção física, então nós não vemos nada de errado numa relação homossexual.”*

A presença de diversas combinações entre sexo e religião não implica numa ausência de sentido ou lógica nessas ligações. Entretanto, tal lógica se configura de forma muito singular em cada tipo complexo de relação com o divino e com a humanidade, segundo cada conjunto de crenças em particular. (ENDJSO, 2014).

O autor ainda refere que, embora a homossexualidade e a heterossexualidade sejam marcadores de identidade vindos de uma era recente, a sexualidade por si só, desempenha desde os primórdios da vida humana um papel definidor de identidades. Por isso, as regras sexuais tendem à preservação e à conservação de categorias e identidades dentro de cada religião.

Ainda sobre isso, expõe Santos (2015) que conforme narrações bíblicas sobre a criação de tudo, o papel do homem e da mulher, do masculino e do feminino é de definir uma natureza sobre a sexualidade humana, idealizando uma união ideal ligada a reprodução e, não sendo possível isso através de relacionamentos entre pessoas de mesmo sexo, considera-se tal como contrária à vontade divina.

EC: *“A igreja católica considera a sexualidade como algo integrante da vida de um casal homem e mulher, dentro da sua naturalidade (...) deve permanecer sempre aberta à possibilidade de geração de nova vida.”*

Na grande maioria dos elementos trazidos pelos líderes, as produções de discursos foram baseadas em seus regimentos teológicos, posicionamentos e instrumentos regedores pertencentes a cada crença, ou seja, dispositivos prescritivos de condutas dentro da religiosidade, mas que de forma intensa e constante repercute em nossa sociedade, num modo geral.

Pode-se dizer que este é o caso das falas que contém em seus conteúdos uma marcada divisão binária dos gêneros, sendo ainda interligado a uma ideia de complementação biológica, como justificativa para o fenômeno da homossexualidade. Ou seja, a presença dos estereótipos de gêneros vem fortemente trazendo a concepção de que algumas caracterizações são naturais de um determinado corpo. Assim, a idealização é de que: gênero masculino é natural do sexo macho, e gênero feminino é natural do sexo fêmea.

Sejam esses discursos recriminatórios ou não, estas produções em si podem ser compreendidas a partir do que Butler (2003) e as teorizações *queer* compreendem como performatividade. Isto é, uma construção social de normas que regulam o sexo e as ideias de gêneros, as quais necessitam ser, constantemente, reinteradas e reproduzidas para que se institucionalizem como uma verdade.

Em direção a isso, Silva (2015) fala de “uma ideologia de gênero” a qual demonstra o quanto as representações religiosas de gênero, consideradas sagradas e imutáveis, influenciam na perpetuação de uma alteridade profana nas relações envolvendo gêneros.

Os dados retidos nas entrevistas comprovam que mesmo em casos em que a homossexualidade não se configura como algo ruim, pecaminoso ou contrário à criação natural de Deus, as relações de gênero e as caracterizações destes são baseadas na concepção de homem e mulher como criações do divino que carregam funções e papéis diferentes, e que nessa diferença se complementam.

EE: *“Então o espírito vai reencarnar varias vezes na forma masculina e também reencarnar varias vezes na forma feminina, porque é uma lógica, porque ele seria incompleto. Ele teria a visão e os sentimentos somente de um lado. (...) Ocorre que o espírito reencarnado por muito num determinado gênero, quando ele vai reencarnar em outro gênero poderá trazer os resíduos, resquícios, em que a psique vai estar e então ele poderá ter algumas características, no homem, como tiques femininos, e na mulher, tiques masculinos.”*

“Pode ser que num período o espírito escolha viver várias encarnações como homem, e resolve que ele vai ter que reencarnar num corpo feminino para aprender essa sensibilidade, essa amorizidade, esse aconchego que a mulher tem. Pois ela tem essa sensibilidade mais apurada, o homem é mais viril mais enérgico, ele é muito mais decidido nas coisas, que isso é uma característica masculina (...).”

EC: *“Evidentemente, o homem tem um perfil de constituição de sua natureza diferente do que a mulher. A mulher tem sua constituição física, biológica também diferente, mas também as características de sensibilidade, de princípios, valores, são diferentes. A mulher sente o mesmo valor de uma forma diferente de um homem. O homem tem uma visão da realidade e a mulher percebe os detalhes, enquanto o homem pega uma coordenada diagonal.”*

EU: *“Vamos dizer assim, da questão do amor materno, do amor divino, do respeito. É uma grande chance nessa encarnação atual esse espírito vir num corpo de homem para poder desenvolver o que na sua última vida não foi bem desenvolvida, em relação ao corpo homem, a figura paterna, entendeu?”*

Em direção a isso estão que nos coloca Heilborn *et. al.* (2006, p. 37):

O masculino se compõe assim de imagens fortemente valorizadas, com o machão como um dos modelos da masculinidade hegemônica e de imagens estigmatizadas, como o homossexual passivo ou efeminado. As mulheres, por sua vez, devem administrar os avanços masculinos se quiserem assegurar a reputação de moça de família ou de mulher honesta. A perda da virgindade deixou de ser um atributo passível de estigmatização das mulheres, contudo continua a existir certa exigência de virgindade moral, que se apresenta sob a forma de um jeito passivo e ingênuo em matéria sexual.

De modo geral, com apenas uma exceção, a percepção e o entendimento da homossexualidade diante da visão dos líderes religiosos e das crenças representadas, se constituem com grande enfoque sob uma perspectiva de mudanças culturais, sociais e conceituais. Adentrando este aspecto, pode-se estabelecer forte relação entre o que se entendia e como se encarava a homossexualidade anos atrás e de como isso tem se dado, hoje, diante das diversas transformações transversais que permeiam as relações sociais, principalmente o intercâmbio entre o campo religioso e o da homossexualidade.

Nos conteúdos obtidos em entrevista, pode-se notar o quão enfático é o percurso percorrido, por cada religião, na construção do entendimento e visão da homossexualidade. Caminho que abrange desde a liberdade de expressão, possibilidade do falar, estudar, conhecer, a uma conscientização ligada à desconstrução de uma ideia de doença, erro, pecado. Ou seja, as diversas e complexas construções de uma visão ampliada homossexualidade por parte das religiões se configuram como um grande elemento para se chegar mais próximo de como estas tem entendido e lidado com a homossexualidade nos dias atuais.

EC: *“Percebemos que está muito mais um mundo aberto para pessoas do mesmo sexo se unirem ou constituírem uma união estável.”*

EB: “Eu acho que tanto a umbanda como a religião africana em si, foram uma das primeiras a aceitar a homossexualidade. Então com a liberação da mente do povo, a nossa religião foi a que mais abraçou os homossexuais.”

EE: “Então assim, pra ti aceitar e compreender tu tem que tá aberto a qualquer coisa, qualquer conceito e conhecimento novo que tu vai absorver pra ti.”

“Vivemos um tempo de abertura e liberdade. Então é uma questão de liberdade, de esclarecimento, conhecimento.”

EEP: “Eu tenho trinta anos de pastorado, então no início quando isso começou a aflorar, as primeiras discussões que tivemos disso foi há mais ou menos uns 15 anos que a coisa começou a vir a tona nas conferências, encontros, escritos. Então no início se batia muito na tecla se isso era uma doença, toda aquela discussão, então se de fato precisaria de tratamento ou não, e isso se discutiu muito na época. Aí, todos os posicionamentos foram de que não era doença, então é uma questão de aceitação. É uma pessoa.”

EU: “Essa visão podemos dizer que ela atingiu esse pico, essa maturidade hoje, né. Nós temos uma coletividade hoje humana no sentido da umbanda muito mais aberta nesse quesito de sexualidade, de homossexualidade como antigamente. Que realmente existia muito ainda a repreensão dos leigos ou até da falta do estudo das informações a cerca da homossexualidade (...) Então hoje com toda essa liberdade de conhecimento, com essa gama de publicações de livros, dentro do campo da espiritualidade e liberdade de expressão que temos hoje, se reconhece muito mais e se fala muito mais abertamente nesse sentido do que há cinco anos atrás.”

Percebe-se a partir disso, que ao longo dos tempos, as pessoas tem conseguido adotar atitudes e pensamentos mais liberais, ligados à homossexualidade, sendo que tal movimento se dá como resultado de transformações morais, culturais, ideológicas, e bem como, de um aumento de lutas com o intuito de legitimar uma posição de direito e igualdade em relação às diversidades sexuais.

Entretanto, apesar de haver conquistas na abertura da sociedade para uma aceitação dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, grupos religiosos ainda mantêm-se firme em posições contrárias à população homossexual, defendendo uma desigualdade moral. (LUFTUS, 2001).

EENP: “A gente acha normal o crescimento da homossexualidade, porque não só com a homossexualidade, mas muitas coisas ruins que hoje acontecem na nossa

sociedade. A gente acha normal porque isso é uma coisa bíblica também (...) cada vez mais as pessoas vão ter um afastamento de uma certa forma de Deus, contra a sua palavra, então a gente já espera que o número da homossexualidade aumente, como as drogas, como de muitas coisas que “contrareia” aquilo que nós cremos, entendeu? Que é a palavra, aquilo que ta na palavra.”

Pensando sob uma perspectiva contemporânea, a maioria das igrejas neopentecostais continuam a reproduzir uma ideia de condenação à prática homossexual, apesar de haver diferenças entre elas e dentro das mesmas. Entretanto, em geral, neste seguimento religioso, a homossexualidade é vista e tratada como um pecado gravíssimo, desviante, uma doença necessitante de cura, mesmo a ciência provando que homossexualidade é, em sua simplicidade, uma das diversas formas de expressão da sexualidade. (DUARTE, 2003).

Em decorrência a isso, há crescente visibilidade dos movimentos ligados à diversidade sexual e à homossexualidade, desde 1980, sendo que tais grupos têm levado à sociedade suas demandas, no sentido de produzir uma visibilidade e uma legitimação, incluindo nisso, direitos, igualdade, respeito e aceitação. (PEREIRA; SANTOS, 2009). Diante disto, correntes religiosas têm demonstrado suas opiniões, percepções, reações, enfim, posicionamentos ligados a essa população. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2012).

Dentre tais posicionamentos, há uma diversidade de opiniões e concepções em relação ao que se entende, como se lida e as atribuições de causas para a homossexualidade. Um dos pontos de maior destaque nesta pesquisa é a demonstração, da maioria dos entrevistados, de uma releitura da homossexualidade. Sendo assim, percebe-se que o entendimento a respeito deste fenômeno hoje se amplia numa concepção de que a homossexualidade é uma possibilidade do desejo humano, dedicando maior ênfase para uma valorização da pessoa, na condição homossexual.

EB: *“(...) a gente vê como ser humano, a gente não vê a opção sexual.”*

EE: *“(...) a gente tem que olhar para essas pessoas com respeito, com amor.”*

EC: *“A igreja respeita a opção que as pessoas fazem mediante a vivência e convivência conjugal.”*

EEP: *“(...) a criação de Deus tem muitas diferenças, né. E se elas estão aqui, as pessoas, a vida precisa ser cuidada e isso vem em primeiro lugar.”*

EU: *“Há pessoas que se sentem numa afinidade e são esses os seus caminhos de evolução.”*

Compreende-se que a existência de ideias e concepções de aceitação e valorização do ser humano, paralelo à condição sexual, são propiciadas pelo constructo de um universo. Este produz conceitos e discursos de acolhimento das diversidades, amparados na ideia de que Deus ama a todos, incluindo os homossexuais, como eles realmente são.

Nesta direção, a visão tradicional presente há anos, a qual visava a homossexualidade como um pecado contra a natureza divina, expressa estar sendo desconstruída e tomada por um espaço de renovadas ideias e rupturas da conservação nos dias atuais.

Tal movimento transformado e transformador tem extrema ligação a outros processos de mudanças como a crescente diversidade do campo religioso, a edificação de identidades baseadas numa condição sexual e não apenas na sua prática e a ampliação da percepção de um mundo inclusivo a essas construções. (NATIVIDADE, 2010).

Nos tempos atuais, se torna possível evidenciar um crescimento dos processos de singularização dos segmentos sociais, resultando numa maior aceitação das pluralidades dos estilos de vida. Entretanto, em alguns âmbitos ainda ocorre o enrijecimento de questões conservadoras com o intuito de domesticar as diferenças que são entendidas como ameaçadoras. (NATIVIDADE e OLIVEIRA 2009).

Diante disso, sob uma visão contrária das religiões acima citadas, a religião que mesmo realçando a pessoa homossexual como alguém não condenável, idealiza a prática da homossexualidade como parte aderente a esse ser, e assim, a torna como algo a ser rebatido e combatido.

EENP: *“A gente não critica nem condena o homossexual ou o “libianismo”, ou melhor dizendo, a lésbica. Mas nós rebatemos sim a prática da homossexualidade e do “lebianismo”.”*

É importante sobre isso reconhecer a existência de um dilema entre o que as religiões deveriam ser e o que elas demonstram ser, devido à uma tensão formada por duas forças antagônicas que convivem nelas: a tentação por uma adaptação e o desejo de ruptura.

A tentação das religiões representa o desafio de manter-se à parte de temáticas conflituosas e repletas de polemicas, sem atingir o que sempre se acreditou. Por outra via, há um impulso desejante de uma ruptura, no sentido de uma busca pela não conformidade àquilo que é imposto por este meio, para tornar-se assim uma comunidade aberta e acolhedora a todas as pessoas. Nesse sentido, é compreensível que algumas religiões não lutam com o mundo em que se inserem, mas com elas mesmas, em o impasse de qual rumo seguir. (DEIFELT, 1999).

Sobre a forma como as religiões têm lidado com a homossexualidade atualmente, destacam-se dois tipos distintos de atitudes, as quais foram embasadas nos conteúdos retidos nas entrevistas, por cada líder representando sua religião.

Uma delas, representada apenas por um segmento, é ligada ao que já se apresentava anteriormente, sobre um modo de complacência com a pessoa homossexual, mas combatendo a sua condição. Ou seja, a pessoa é aceita, mas não a sua preferência sexual ou sua opção de viver a sua sexualidade. Sendo que o indivíduo nesta condição passa a ser alguém que necessita de maior ajuda para sair deste estado, por tal ser considerado um problema espiritual, um pecado.

EENP: *“A gente também não condena ninguém, mas questionamos as atitudes que as pessoas tomam diante daquilo que estão fazendo, entende?”*

“Nós não lidamos com desprezo, entendeu? Ou com descaso. Pelo contrário, nós vemos que essas pessoas são as que mais precisam de atenção. Mas é como eu te disse, né, se quando a gente chega no assunto onde a pessoa expõe a prática da homossexualidade dela, a gente com certeza vai ensinar o caminho que é certo. Nós ajudamos, nós orientamos, mas nós não falamos o que as pessoas querem ouvir, a gente fala o que ela precisam ouvir.”

“É feito um tratamento espiritual em primeiro lugar.”

“Eu vejo que é um problema espiritual. (...) Tudo que “contrareia” a palavra é um pecado.”

A outra forma de lidar apresentada em ênfase pela maioria das religiões representadas é a receptividade e a tolerância diante da pessoa homossexual e dos significados que esta representa sob sua prática sexual. Assim, a pessoa homossexual passa a ser reconhecida como uma pessoa em uma condição diferente, mas sem estar colocado em uma inferioridade por isso.

Além do mais, o oferecimento de orientação e auxílio espiritual, relacionados à homossexualidade, parte de uma concepção de que a pessoa precisa dar a direção desta solicitação. Ou seja, só há ajuda a quem quer ser ajudado, e isso se dá conforme a vontade da pessoa. Não se oferece cura, pois não é considerado doença. Oferece-se apoio espiritual para uma melhor aceitação e conscientização de si e de sua condição.

EE: *“(...) é tratado naturalmente, porque a gente só pensa em ajudar a pessoa que quer ser ajudado.”*

“E nós trataremos igual, vai conviver, vai trabalhar conosco, é uma convivência normal. E está submetido aos regimentos internos da nossa conduta tal qual outros. A respeito da

questão de receber alguém que queira ajuda, que demonstre necessidade de ajuda, ela entra dentro do processo normal. Nos não encaramos como uma doença.”

“É tratado como qualquer outro, normal como qualquer pessoa. Qualquer pessoa que adentrar no centro espírita vai ter o mesmo tratamento, sem diferenças.”

EC: *“A igreja não os julga, a igreja os respeita. Respeita o diferente. A igreja procura ajudar, orientar para que a pessoa procure conscientizar-se daquilo que ele é.”*

“Não cabe julgar se isso é ou não pecado. Mas sim, cabe absolver, orientar para um caminho de aperfeiçoamento.”

EEP: *“A gente não condena, a gente procura colocar aqueles princípios bíblicos que diz que Jesus aceita a todos e que ninguém nasceu escolhendo o que quer se ou não, e que você não pode negar o que é próprio ser, precisa aprender a conviver com isso, da melhor forma, contando com nosso apoio.”*

“Procuro tentar me manter fiel ao que a igreja recomenda, ouvindo muito as pessoas, principalmente tentando perceber onde esta a dor delas, porque e onde isso dói. Às vezes é muito porque os outros, o que eles vão dizer. Então tentar desconstruir isso com eles.”

EU: *“(…) combate toda e qualquer tipo de intolerância, racial, religiosa ou por orientação sexual.”*

“Primeiro que a umbanda não cura gay, o homossexualismo não é doença pra nós. Então a gente não cura essa questão. Agora a questão da orientação sexual, não no sentido do preconceito, mas no sentido da consciência, de direcionamento na vida, a gente oferece sim aos homossexuais”

EB: *(…) é recebido sem preconceito. Não é deixado num canto. Se o branco, preto, homem ou mulher ganhar um pedaço de bolo, o homossexual vai ganhar igual, vai ser tratado igual, as portas vão estar abertas igual.”*

O cenário demonstrado acima expõe uma realidade plural da relação homossexualidade e religião.

Por um lado, vê-se a iniciativa de acolhimento aos homossexuais com a intenção de torna-las limpas do pecado da homossexualidade, diante de uma ideia de cura, fazendo isso a partir de tratamentos espirituais que levam ao encontro de Deus.

Natividade e Oliveira (2007) falam de uma produção do “ex-homossexual”, o qual se configura como um sujeito livre da vida pecaminosa, e se coloca como grande feito diante do poder de Deus. Os autores ainda referem que tais acolhimentos oferecidos buscam conciliar o princípio de amor ao próximo com o combate ao que se apresenta diferente.

De outro lado, percebe-se uma amplitude do que se entende por homossexualidade, e uma ideia de que esta identidade sexual condiz, de certo modo, a uma verdade divina, sem que seja preciso uma intervenção espiritual transformadora diante do que se é ou se faz. Em complemento a isso, refere-se Natividade (2010), o qual arrisca afirmar a existência uma possibilidade de conciliação entre religião e diferentes formas de manifestação sexual dissonante da norma heterossexual.

Enfim, quando fala-se de religião e homossexualidade, fala-se de fatores de extrema importância à constituição e condição humana. Considera-se relações sob uma história, um meio social, uma cultura. Constructos que se dão no encontro com o outro. Na existência de diferentes que se interligam numa característica comum e valorosa: de serem seres humano em busca de sentidos, felicidades e legitimidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta pesquisa promoveram ideias e considerações acerca de como tem se dado a relação entre homossexualidade e religião, na atualidade. Ou seja, de que maneira as religiões representadas por seus respectivos líderes têm entendido e lidado com a homossexualidade na contemporaneidade, sem desconsiderar as construções e transformações ocorridas ao longo dos tempos.

A pesquisa constatou uma gama heterogênea de concepções acerca da homossexualidade. As formas como se tem compreendido e lidado permeia visões pluralistas e multifacetadas, partindo desde um entendimento de aceitação e igualdade, a uma ideia de pecabilidade e erroneidade. É relevante ainda referir que dentre os oito entrevistados, apenas um colocou-se contrário à compreensão que concebe a homossexualidade como uma das diferenças humanas e não uma anormalidade.

As concepções manifestadas pelos líderes identificam, na sua maioria, uma valorização da pessoa homossexual, sem que seja atribuída à sua condição uma inferioridade, mas sim, uma possibilidade do desejo humano. Além disso, é possível afirmar que as religiões têm caminhado rumo a uma reconstrução das concepções de normal/anormal, pecado/santidade, enfim, bênção/maldição, relacionadas às diversas sexualidades existentes. E através disso, expressam estar lidando de forma mais humanizada e respeitosa com estas questões.

Claro que, como foi dito anteriormente, dentre as religiões representadas nas entrevistas há distintas concepções, entendimentos e modos de lidar com a

homossexualidade. Os discursos ainda se mantêm na superfície. E as releituras em lento processo. Entretanto, é inegável admitir a existência de movimentos transformadores que têm reconstituído a histórica relação entre religião e homossexualidade.

Para finalizar, vale ressaltar a importância destas discussões para o campo psicológico, já que ao longo da história psicólogos e psicólogas foram (e são) chamados a ocupar posições de sujeitos normatizadores e psicopatologizantes. Ao investigar e problematizar sobre como essas concepções, atitudes e discursos produzem e são produzidos, são abertas possibilidades de transformação social, sugerindo um potencial libertador para todos os sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: M. A. T. Bruns & A. F. Holanda. *Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectivas*. São Paulo-SP: Ômega, p.35-56, 2001.

BOTELHO, Marcos César. Liberdade religiosa, homossexualismo e discurso do ódio. *Argumenta: revista do curso de mestrado em ciência jurídica da Fundinopi*, n. 16, p. 283-301, jan./jul. de 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEIFELT, W. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. *Estudos Teológicos, América do Norte*, 39, mai. 1999. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/703/637. Acesso em: 26 Jun. 2016.

DUARTE, Fernanda. *Uma questão de direito: a homossexualidade e o universo jurídico*. 2003, 52 f. Tese (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito, Rio de Janeiro, 2003.

ENDJSO, Dag Oistein. *Sexo e religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual / Dag Oistein Endjso; tradução Leonardo Pinto*. — São Paulo: Geração Editorial, 2014.

GANZEVOORT, R. R. *et. al.* Lutando com a homossexualidade. *Estudos Teológicos*, vol. 52, n. 2, p. 404-422, 2012.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista de Estudos Feministas*, 14(1), 43-59, 2006.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_De_ficiencia/tab1_4.pdf. Acesso em: set. 2015.

LOFTUS, Josueh. America's liberalization in attitudes toward homosexuality. *American Sociological Review*, v. 5, p. 762-782, 2001.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 5. ed. São Paulo: Educ/Moraes, p. 138, 2005.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. Religião e intolerância à homossexualidade: Tendências contemporâneas no Brasil. In: V. Gonçalves (org.). *Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30 (2): 90-121, 2010.

_____. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*. São Paulo, v.1, n 3, p. 1-6, 1996.

PEREIRA, Diego Ribeiro; SANTOS, Josadac Bezerra dos. O Papel das religiões enquanto instâncias reguladoras das sexualidades alternativas: o caso da homofobia e violência. *Scientia Plena*, v. 5, n. 11, 2009.

SANTOS, Maressa de Sousa. Contemporâneos e inclusivos: o berço tradicional, os corpos no mundo e a volta ao cenário religioso. *Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR*, Juiz de Fora - MG, p. 756-769, 2015.

SILVA, Fernando Candido. Representações e relações de gênero em diferentes grupos religiosos. In: GROSSI, Miriam Pillar *et. al.* (Org.). Livro 2 – Módulo II – *Gênero, diversidade sexual e religião*; As diferenças de gêneros no espaço escolar. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gêneros. Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC, 2015. p. 40 – 57.